

LEXICALIZAÇÃO E DESLEXICALIZAÇÃO. OBSERVAÇÕES SOBRE A EROSIÃO DA LÍNGUA EXEMPLIFICADAS NO ALEMÃO E NO PORTUGUÊS DO BRASIL*

*Hardarik Blühdorn & Alessandra Castilho da Costa***

Abstract: The present paper deals with grammaticalization as a comprehensive model of erosive processes in the history of natural languages, exemplified in German and Brazilian Portuguese. Grammaticalization is conceived of as the reduction of pragmatic versatility, semantic concreteness, syntactic liberty and phonetic substance of linguistic elements. It is subdivided into the processes of lexicalization, which transforms polylexematic into monolexematic elements, and deslexicalization, which reduces lexematic to sublexematic elements. In the middle of these processes stands the lexicon, which is seen as the central stock of linguistic elements. Within the lexicon, the process of grammaticalization continues, from lexical word classes through intermediate classes to grammatical word classes. The lower boundary of the lexicon is a critical threshold, down to which the process of grammaticalization is compensated for by linguistic recycling that leads lexematic elements back into the linguistic circuit, through the formation of new polylexematic units. Beyond this threshold, however, no recycling is possible any more, so that elements which have once lost their lexical character are condemned to disappear in the long run. The different stages of grammaticalization are introduced and illustrated by means of concrete examples, first from Brazilian Portuguese and afterwards from German.

* Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada, sob forma de conferência, no dia 14 de maio de 1998, na *VII Semana da Língua Alemã*, organizada pela Área de Alemão da USP. Gostaríamos de agradecer a Masa Nomura, Ataliba Teixeira de Castilho e Maria do Carmo Malheiros Waizbort pela leitura crítica e os valiosos comentários.

** O autor é professor doutor do Departamento de Letras Modernas, Área de Alemão, da USP. A autora é pós-graduanda da mesma Área, em nível de mestrado.

Keywords: Grammaticalization; Language history; Grammar and lexicon; Word formation; Etymology; German; Brazilian Portuguese.

Zusammenfassung: Der vorliegende Aufsatz behandelt am Beispiel des Deutschen und des brasilianischen Portugiesisch den Prozeß der Grammatikalisierung als ein umfassendes Modell für erosive Vorgänge in der Geschichte natürlicher Sprachen. Grammatikalisierung wird vorgestellt als Abbau der pragmatischen Vielseitigkeit, semantischen Konkretheit, syntaktischen Freiheit und phonetischen Substanz von Sprachelementen. Ihr Gesamtgebiet wird zerlegt in den Prozeß der Lexikalisierung, der polylexematische Elemente in monolexematische überführt, und den der Delexikalisierung, der lexematische Elemente zu sublexematischen reduziert. Im Mittelpunkt dieser Vorgänge steht das Lexikon, das als der zentrale Elementvorrat der Sprache gesehen wird. Auch innerhalb des Lexikons setzt sich der Prozeß der Grammatikalisierung fort, von den lexikalischen Wortklassen über die Übergangsklassen zu den grammatischen Klassen. Die untere Grenze des Lexikons stellt eine kritische Schwelle dar, bis zu der dem Prozeß der Grammatikalisierung das sprachliche Recycling gegenübersteht, durch das lexematische Elemente über die Bildung neuer polylexematischer Einheiten in den Kreislauf zurückfließen. Unterhalb dieser Schwelle jedoch ist kein Recycling mehr möglich, so daß Elemente, die einmal den lexematischen Charakter verloren haben, auf die Dauer zum Verschwinden verurteilt sind. Die verschiedenen Etappen der Grammatikalisierung werden anhand konkreter Beispiele, zunächst aus dem brasilianischen Portugiesisch, anschließend aus dem Deutschen, vorgestellt und illustriert.

Stichwörter: Grammatikalisierung; Sprachgeschichte; Grammatik und Lexikon; Wortbildung; Etymologie; Deutsch; Brasilianisches Portugiesisch.

Palavras-chave: Gramaticalização; História da língua; Gramática e léxico; Formação de palavras; Etimologia; Alemão; Português do Brasil.

1. Introdução

O presente trabalho tem um carácter histórico. A lingüística histórica foi o principal ramo da nossa ciência do século XIX, que vivenciou seu ápice nos trabalhos da escola neo-gramática, no perío-

do de 1880 a 1910. Naquela época entendia-se por lingüística somente o estudo da história da língua. Desde a publicação da obra de Ferdinand de SAUSSURE (1916/1995), porém, a lingüística histórica chegou a ser negligenciada por ao menos 60 anos. Apenas a partir dos anos setenta, a lingüística começou a resgatar sua herança histórica.

Os lingüistas do século XIX consideravam sua tarefa atribuir a cada fenômeno lingüístico uma reconstrução da sua evolução histórica. Tal reconstrução já era vista como uma explicação suficiente dos dados. Já na lingüística atual, não nos contentamos com reconstruções históricas, sem nada saber sobre o funcionamento sincrônico e sistemático da língua. Em particular, queremos saber como os processos da mudança lingüística se integram dentro da realidade contemporânea.

Essa pergunta não é trivial, pois todos nós temos a impressão de que falamos, a princípio, a mesma língua durante toda a nossa vida. Como então a língua pode mudar? Por um lado, ocorrem mudanças relativamente leves de uso durante a vida de cada pessoa; por outro, as crianças de cada geração adquirem um sistema lingüístico sutilmente diferente do sistema da geração anterior. É interessante observar que cada geração de pais e de avós, em qualquer época e em qualquer país do mundo, ao perceber as diferenças entre sua própria língua e a falada por seus filhos e netos, queixa-se de um suposto declínio da língua. Na comunicação entre os filhos e netos, no entanto, a língua funciona tão bem quanto funcionava entre os pais e avós.

No presente trabalho, analisaremos mais detidamente o conceito do declínio da língua. Sabe-se, ao menos desde o século XIX, que a história das formas lingüísticas é um processo erosivo. Mas tal erosão é mesmo um declínio? Veremos, no que segue, uma seleção de exemplos, primeiramente do português e posteriormente do alemão, que sugerirá uma resposta diferenciada a essa pergunta.

2. O conceito de gramaticalização

Um dos conceitos-chave da lingüística histórica atual é a teoria da gramaticalização (cf. CASTILHO 1997). Entre os precursores dessa teoria encontramos o romanista alemão Leo SPITZER (1928/1961: 517), que observou que convenções estilísticas tendem a se fossilizar em regras sintáticas: “Nihil est in syntaxi quod non fuerit in stylo. Syntax, ja Grammatik sind nichts als gefrorene Stilistik.”¹ A mesma observação foi feita por Talmy GIVÓN (1971: 413), com relação à sintaxe e morfologia: “Today’s syntax is tomorrow’s morphology.”² As duas observações integram-se a uma tendência histórica generalizada, segundo a qual elementos inicialmente livres começam depois a obedecer a restrições gramaticais.

Para podermos entender melhor o conceito de gramaticalização, é interessante lembrar que todo elemento lingüístico tem uma forma e uma função. A função divide-se em três níveis: a função pragmática (comunicativa), a semântica (ligada ao significado) e a gramatical (função na sentença). No decorrer de sua gramaticalização, um elemento passa por quatro processos de perda:

- a perda de versatilidade de uso pragmático, ou seja, o elemento restringe-se cada vez mais a determinados fins comunicativos,
- a perda de concretude semântica, ou seja, o elemento torna-se cada vez mais abstrato,
- a perda de liberdade sintática, ou seja, o elemento limita-se cada vez mais a determinadas funções gramaticais, e
- a perda de substância fonética, ou seja, o elemento tende ao apagamento formal.

1 “Nada é em sintaxe que não tenha sido em estilo. Sintaxe e até mesmo gramática nada mais são que estilística congelada.”

2 “A sintaxe de hoje é a morfologia de amanhã.”

Segundo LEHMANN (1982: 13), a gramaticalização desenvolve-se ao longo da seguinte escala:

- (1) discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > apagamento

No discurso, temos as formulações livres que se orientam principalmente pelas intenções do falante. Na sintaxe, já existem regras mais rígidas, a serem seguidas na formação de sentenças e grupos sintáticos. Na morfologia, temos a derivação de palavras que obedece a regras ainda mais restritas. No campo entre a morfologia e a morfofonêmica encontra-se a flexão, em que vigoram as regras mais incisivas do sistema lingüístico.

O esquema (1) pode, pois, ser reformulado da seguinte maneira:

- (2) formulação livre > sentença > grupo sintático > palavra > afixo > apagamento

Um exemplo do português que ilustra bem o processo de gramaticalização é a palavra *você*. Originalmente, ela provém do sintagma *vossa mercê*, que foi reduzido a *vossemecê* e, posteriormente, a *vosmecê* e *você* (cf. CASTILHO 1997: 37). Já na língua falada de hoje, muitas vezes se usa apenas a forma mais abreviada *cê*, que se comporta quase como um prefixo verbal e que, no futuro, poderia até mesmo desaparecer.

O fato mais óbvio nesse exemplo é a perda da substância fonética. Quanto à limitação sintática, podemos observar que antigamente usava-se dos elementos *vossa* e *mercê* independentemente um do outro, enquanto *você* não é mais separável. Entre *você* e a forma coloquial *cê* apareceu ainda uma nova limitação, na medida em que *você* pode servir como sujeito e objeto, enquanto *cê* funciona apenas

como sujeito. Quanto à perda de concretude semântica, constatamos que *vossa mercê*, além de se referir ao interlocutor, atribui-lhe uma qualidade (*mercê*). De *você* para *cê* houve um outro estágio de perda de concretude, pois *você* é claramente identificável como pronome da segunda pessoa, ao passo que *cê* não se distingue foneticamente do pronome reflexivo, do índice de indeterminação do sujeito e da conjunção *se*. Com relação à perda de versatilidade do uso pragmático, a forma do pronome da segunda pessoa do plural *vossa*, antigamente uma forma comum, está hoje limitada a um uso altamente formal, em particular na língua escrita (p.ex. em *Vossa Senhoria*). Da mesma forma, o substantivo *mercê*, no seu sentido antigo de “favor”, “benefício”, “indulgência” está ficando obsoleto no português contemporâneo e sobrevive principalmente em expressões como *ficar à mercê de*.

Um segundo exemplo bastante discutido consiste no futuro dos verbos nas línguas românicas (cf. CASTILHO 1997: 35; DIEWALD 1997: 110). No latim, existia uma forma sintética do futuro exemplificada por *amabo* (do verbo *amare*). Como antecessora dessa forma, num estágio indo-europeu pré-latim, foi reconstruída a forma sintética **ama bho*, que se compõe da base *ama* e do verbo auxiliar **bho* (“vou”). Ainda no latim, introduziu-se ao lado de *amabo* uma nova forma sintética *amare habeo*, composta do infinitivo *amare* e do presente do verbo auxiliar *habere* (“haver”, “ter”). Essa chegou a substituir aos poucos a forma *amabo* e se desenvolveu a *amar hei* no português antigo, que, por sua vez, no português moderno se tornou novamente sintética: *amarei*. Mais recentemente, está se sobrepondo, pela terceira vez, uma forma analítica: *vou amar*. DIEWALD (1997: 110) representa essa evolução num quadro ilustrativo, que adaptaremos a seguir para o português:

Indo-europeu	Latim	Port. Arcaico	Port. Contemp.
*?			
* ama bho >	amabo >	Ø	
	amare habeo >	amar hei >	amarei >
			vou amar > ?

O interessante nesse processo é a substituição contínua de um grupo sintático por uma forma analítica em que um antigo verbo é reduzido a um sufixo flexional. Antes que haja o apagamento da forma, porém, ela é substituída por um novo grupo sintático.

Os verbos auxiliares que participam da substituição são todos derivados de verbos plenos. A transferência de um verbo pleno para um verbo auxiliar também é chamada de gramaticalização, pois caracteriza-se pelos mesmos quatro fatores acima mencionados, ou seja, a perda de versatilidade do uso pragmático, de concretude semântica, liberdade sintática e substância fonética.

3. O lugar do léxico no processo de gramaticalização

O processo de gramaticalização pode ser ilustrado como uma escala em cujos pólos estão, de um lado, a formulação plenamente livre conforme as intenções comunicativas do falante e, de outro, o apagamento da forma lingüística:

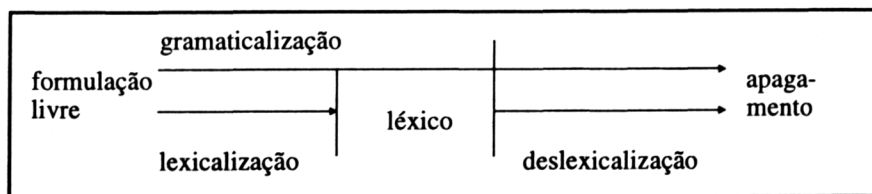


Fig. 1: O processo de gramaticalização

O desenho mostra, na parte superior, uma única seta que simboliza o contínuo processo de gramaticalização. Na parte inferior, colocamos como sistema central o léxico, que representa um estágio intermediário nesse processo. A parte da gramaticalização que consiste na redução de formulações livres a palavras denominamos de lexicalização e a parte que consiste na desintegração de palavras até seu apagamento, de deslexicalização.

Observa-se que a linha divisória que demarca a entrada ao nível da palavra é menor que a que demarca a saída. De fato, a saída do léxico constitui uma fronteira crítica no processo de gramaticalização, pois até esse momento, existe a possibilidade de reciclagem dos elementos. Uma vez ultrapassada essa fronteira, porém, os elementos estão condenados ao apagamento.

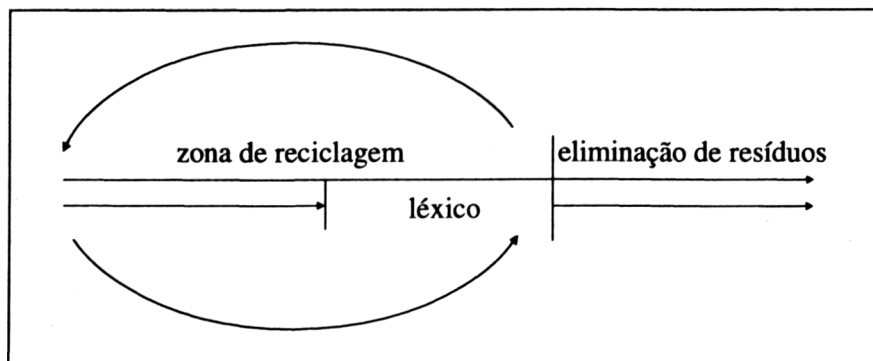


Fig. 2: A zona de reciclagem no processo de gramaticalização

Mas, o que exatamente entendemos por reciclagem lingüística? Um princípio fundamental da estrutura da língua determina que, a partir de um inventário de elementos lexicais, formam-se outros elementos mais complexos (por exemplo, sentenças), com base em regras gramaticais. Isso significa que, até o nível da palavra, todos os elementos que já passaram pela gramaticalização têm a possibilidade de entrar novamente em formulações livres, realimentando a gramaticalização. Essa situação, porém, não se sustenta abaixo do nível da palavra. Embora os sufixos de derivação e de flexão possam entrar em construções maiores, eles não podem ser usados como formas livres, e sim, somente de acordo com as regras rígidas da morfologia. É justamente essa rigidez que é finalmente responsável pela eliminação de tais elementos, pois restringe muito a criatividade lingüística (cf. CASTILHO 1997: 46).

Vejamos, a seguir, alguns exemplos do português, primeiramente de lexicalização e, depois, de deslexicalização.

As formulações mais livres na língua provavelmente são as coordenações, assim como em

- (3) Maria pegou um pincel e uma caneta.
- (4) O Roberto é grande e feio.

Nessas construções, os elementos coordenados têm a mesma função sintática e estão minimamente ligados entre si, i.e., nenhum dos dois depende do outro em termos sintáticos. Em determinados casos, porém, uma coordenação pode se convencionalizar e assumir um sentido que não se explica a partir dos elementos constituintes. Esse é o caso, por exemplo, de arroz-e-feijão, que ainda mantém a forma da coordenação, mas já assumiu um sentido próprio, inclusive de adjetivo:

- (5) A festa foi descontraída. Tivemos um papo bem arroz-e-feijão.

No caso de *verde-amarelo*, o conectivo desapareceu, tornando a estrutura coordenativa menos reconhecível:

- (6) O coração verde-amarelo sofreu quando o Brasil perdeu da Argentina.

Nota-se haver uma gramaticalização maior em *verde-amarelo*, pois desse termo já derivam outras formas, como *verde-amarelismo*, o que (ainda) não acontece com *arroz-e-feijão*. A escrita conjunta também pode sinalizar um grau elevado de lexicalização, como no caso de *vaivém*. Em São Paulo, os donos de uma papelaria brincaram com a escrita conjunta, criando como nome a palavra *papelivros*, que imita uma composição altamente lexicalizada, o que se verifica na dupla função grafêmica da letra “l”. As composições formadas a partir de coordenações são chamadas, na terminologia alemã, de composições copulativas (*Kopulativkomposita*).

Conforme o esquema (2) acima apresentado, as sentenças têm menor liberdade estrutural que as coordenações, já que nelas os elementos dependem uns dos outros. Com sentenças pode haver o mesmo processo de convencionalização e subsequente lexicalização observado nas coordenações. Um exemplo ilustrativo é a expressão *dá licença*, que é hoje usada como uma única palavra, de tal forma que se iniciou uma forte erosão através das seguintes etapas:

- (7) dá licença > licença > cença > ss

Segundo CASTILHO (1997: 57 pp.), este seria um exemplo de discursivização, sendo que o elemento vai se restringindo cada vez mais às suas funções discursivas. Discordamos, porém, dessa opinião, pois o que distingue (7) de (5) e (6) é apenas ser o ponto de partida uma sentença, e não uma estrutura menor. O processo de lexicalização em si é o mesmo (perda de versatilidade de uso pragmático, de concretude semântica, de liberdade sintática e de substância fonética).

Os grupos sintáticos (sintagma nominal, sintagma preposicionado, etc.) apresentam ainda menor liberdade estrutural que as sentenças. A grande maioria dos casos de lexicalização procede de grupos sintáticos, a saber, as palavras compostas que, na terminologia alemã, são chamadas de composições determinativas (*Determinativkomposita*). Tais composições consistem de uma base (em alemão, *Grundwort*) e de uma palavra determinante (alemão, *Bestimmungswort*) (cf. KEHDI 1997: 41). Em alguns casos, a estrutura composicional mantém-se totalmente analisável, como em *grade curricular*. Em tais casos, justifica-se o caráter de composição somente por haver no todo um significado não explicável plenamente pela somatória das partes.

Enquanto escreve-se *grade curricular* separadamente, tem-se adotado a escrita com hífen em casos como *pé-de-moleque* e a escrita conjunta em casos como *radiojornal*. Nesses casos, a escrita serve como indicadora da lexicalização. Existem, ainda, as palavras como *aguardente* ou *pernalta*, que, mesmo sendo reconhecíveis como composições, não mais se mantêm plenamente analisáveis.

Para concluir o presente item, daremos ainda alguns exemplos de deslexicalização no português. O índice mais importante da perda do caráter lexical é a redução da analisabilidade, pela qual os lexemas se tornam opacos. Vejamos a palavra *tartaruga*, que provém do grego antigo *tartaroukhos*, composição do substantivo *tártaros* (“abismo”) e do verbo *oikeîn* (“morar”), significando “habitante do tártaro”. Essa palavra chegou ao português através do latim *tartarūchu-* e do italiano *tartaruga*. No português moderno, a palavra mantém a aparência de composição, mas não é analisável a partir de *tarta* e *ruga*, já que *tarta* não existe e o significado de *ruga* não exhibe nenhum parentesco com *tartaruga*.

Um outro exemplo é *avestruz*, no qual o componente *struz* se tornou opaco. *Avestruz* provém do português *ave* e provençal *estrutz*, que deriva de *ave-struthiu*, do latim da idade média, e de (*avis*)

struthio, do latim clássico tardio, em que *avis* significava “pássaro” e *struthio*, “avestruz”. No latim clássico mais antigo, a palavra era *struth(i)ocamelus* que deriva do grego antigo *strûthos* (“pardal, avestruz”) e lat. *camēlus* (“camelo”). Em outras palavras, o elemento *struz*, antes de se tornar opaco, passou por dois processos de composição e por três processos de mudança de sentido. Inicialmente, no grego antigo, já significava “avestruz”, ao lado de “pardal”. A combinação de dois conceitos tão diversos provavelmente levou à sobreposição do conceito mais geral de “pássaro”. Nessa situação, *strûthos* ligou-se com *camēlus*, para significarem juntos novamente “avestruz”. O segundo elemento apagou-se, deixando o significado de “avestruz” com *struthio*. Em seguida, esse perdeu o sentido de “pássaro”, fazendo-se necessário o acréscimo de *avis*. Mais tarde ainda, o então *struthiu* perdeu sua independência, tanto formal quanto semântica, e reduziu-se finalmente a um elemento preso e inalisável. A história do elemento *struz*, portanto, é um bom exemplo daquilo que denominamos de reciclagem lingüística. Hoje, porém, após ter passado por dois processos de lexicalização, esse elemento saiu do ciclo da reciclagem, entrou em deslexicalização e parece, pois, estar destinado ao apagamento.

Outros exemplos de deslexicalização são os lexemas que se tornam afixos, como, por exemplo, o substantivo latino *mente*, com o sentido de “modo”, “maneira” (cf. CASTILHO 1997: 45 p.). A partir de expressões como *agir cristã mente* (“agir de um modo cristão”), surgiram os advérbios do tipo *cristãmente*, e *-mente* tornou-se sufixo derivacional. Da mesma forma, os afixos flexionais às vezes provêm de palavras independentes. Segundo Hermann PAUL (1920: 151 pp.), as desinências indicadoras dos casos nominais nas línguas indo-européias provavelmente têm origem em antigas pré ou pós-posições. Já no proto-indo-europeu, essas estavam transformadas em sufixos flexionais, foneticamente reduzidos, que não ocorreram mais como elementos independentes. No português, como se sabe, as desinências dos casos reduziram-se a zero.

4. Erosão lexical exemplificada no alemão

Vejam, a seguir, exemplos da erosão lexical no alemão. Como expusemos acima, na Fig. 1, a entrada ao léxico se dá através da lexicalização e a saída, através da deslexicalização. Podemos relacionar esse modelo aos principais processos da formação de palavras, a saber, composição, derivação e conversão. A composição liga-se mais intimamente à lexicalização e a derivação, à deslexicalização. Quanto à conversão, ela ocorre dentro do léxico, quando um elemento transita de uma classe para outra.

4.1. Lexicalização

4.1.1. Junção de palavras

Distinguimos no português três tipos de composição: a partir de formulações livres (coordenações), a partir de sentenças e a partir de grupos sintáticos. A mesma distinção pode ser feita no alemão.

Como exemplo de lexicalização de formulações livres, podemos citar a palavra *rot-grün* (“vermelho-verde”). A princípio temos aqui uma simples coordenação de dois adjetivos relacionados à cor, como quaisquer outras (*schwarz-gelb* – “preto-amarelo”, *lila-orange* – “lilás-alaranjado” etc.). Tais coordenações costumam indicar uma combinação das duas cores. No caso de *rot-grün*, desenvolveu-se um novo sentido no panorama político alemão, em que *rot* (“vermelho”) representa o partido socialdemocrata e *grün* (“verde”) o partido verde. A palavra *rot-grün*, nesse sentido, indica uma colaboração dos dois partidos (como em *rot-grüne Koalition* – “coalisão vermelha-verde”). Hoje, no entanto, ela já parece ter evoluído para um estágio posterior, visto que é usada para qualquer conteúdo ideológico que apresenta uma mistura de idéias provenientes dos dois partidos (como em *rot-grüne Mentalität* – “mentalidade vermelha-verde”).

Como exemplos de lexicalização de sentenças, podemos pensar nas palavras *bitte* (“por favor” ou “de nada”) e *danke* (“obrigado/a”), que são utilizadas como fórmulas de polidez. Ambas vêm de formas verbais, a saber, de *bitten* (“pedir”) e de *danke* (“agradecer”), conjugadas na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (*ich bitte* e *ich danke*). Hoje em dia, não são mais analisadas como sentenças pelos falantes nativos, de tal modo que se inserem no discurso como partícula (no caso de *bitte*) e como palavra-frase (no caso de *danke*):

- (8) A – Gib mir mal bitte das Buch. – Danke.
[Por favor, me dá o livro. – Obrigado.]
B – Bitte. [De nada.]

Outro exemplo é a expressão *Gott sei Dank* (“graças a Deus”). Para ela, a ortografia padrão ainda prevê a escrita separada, mas em textos informais como bate-papos na Internet, cartas pessoais ou também na literatura, podemos já encontrá-la escrita como uma só palavra (*gottseidank*). Numa simples busca na Internet, encontramos mais de 1.000 provas, das quais citamos duas:

- (10) Hoffentlich bildest Du nur Dackel aus und keine für den Menschen gefährlichen Hunde, und gottseidank wohne ich weit weg von Bremen.
[Tomara que você crie só bassets e nenhum desses cachorros perigosos para as pessoas, e graças-a-deus eu moro longe de Bremen.] (*de um bate-papo sobre criação de cães perigosos*)
- (11) Zwischendurch erschallt plötzlich ein wiederholtes lautes Gehämmer. Wir drehen uns um, gottseidank, kein Schaden am Bus.
[Enquanto isso, ouve-se de repente, por repetidas vezes, uma martelada alta. Nós nos viramos, graças-a-deus, nenhum dano no ônibus.] (*de um diário de viagem*)

Em tais casos, também *gottseidank* exerce a função de partícula.

O mesmo ocorre com a expressão *was weiß ich* (“sei lá”), que tem sido usada na função de substantivo, de adjetivo ou até mesmo de prefixo, freqüentemente escrita como uma palavra só. Alguns exemplos da Internet:

- (12) Alte Gewohnheiten, das kann alles mögliche sein, von Fernsehgucken bis wasweißich.
[Velhos hábitos, isso pode ser de tudo, de ver TV até sei-lá-o-que.] (*de um texto sobre religião*)
- (13) Zwischendurch sangen auch noch irgendwelche Kumpels mit, die irgendwie englisch oder irisch oder wasweißich was waren.
[Enquanto isso, cantavam junto quaisquer amigos que eram de algum modo ingleses ou irlandeses ou sei-lá o que.] (*de um texto literário*)
- (14) Aufgeführt sind hier alle Linkseiten innerhalb meiner Homepage und Links zu anderen Seiten, die ich keiner festen Rubrik zuordnen kann. Dazu gehören Links zu Seiten von Freunden, besonderen Seiten oder Wasweißich-Seiten.
[Aqui estão listadas todas as páginas de *link* dentro da minha *homepage* e *links* para outras páginas que eu não consigo encaixar em nenhuma categoria. Entre elas há *links* para páginas de amigos, páginas especiais ou sei-lá-que-páginas.] (*de uma homepage pessoal*)

Como exemplos de grupos sintáticos lexicalizados podemos pensar, entre outros, em todas as composições determinativas, como *Hochhaus* (“edifício”), *Waschmaschine* (“máquina de lavar roupa”), *radfahren* (“andar de bicicleta”) ou *steinreich* (“muito rico”). Mais interessantes, porém, são os casos, nos quais podemos observar o início do processo de lexicalização. Isso ocorre, por exemplo, com

nicht wahr? (“não é?”), expressão que vem se fixando como lexema. Na Internet, encontramos mais de 30 exemplos de *nichtwahr?*, escrito como uma palavra só, assemelhando-se assim ao *né?* do português:

- (15) Nichtwahr, da wird es verständlich, dass solche Probleme mit der Optimierungsrechnung, und hier speziell mit der Komplexmethode, wesentlich besser gelöst werden können, als “von Hand”.
[Né, aí fica compreensível que tais problemas podem ser resolvidos muito melhor com o método de otimização, e aqui particularmente com o método complexo, do que à mão.] (*de um texto sobre computação*)
- (16) Man würde mal sehen was passierte, nichtwahr?
[Ver-se-ia o que aconteceria, não é?] (*de um comentário político*)
- (17) Sie wußten es, nichtwahr?
[Você sabia, não é?] (*de uma entrevista*)

Em todos esses casos, a lexicalização começa por mudanças pragmáticas e semânticas, com o aparecimento de novos modos de uso e novos significados. A ortografia, no alemão como no português, reflete a percepção de tais mudanças pelos usuários, que passam a empregar hífen ou a escrita conjunta. Observa-se, porém, que o hífen, como indicador de junção, é mais utilizado no português. No alemão existe uma tendência à escrita conjunta, sem estágios intermediários. No caso de *was weiß ich*, por exemplo, encontramos na Internet mais de 600 ocorrências escritas separadamente e cerca de 50 escritas em conjunto, mas nenhuma hifenizada. No alemão contemporâneo, o hífen, freqüentemente, exerce uma função contrária à que exerce no português, ou seja, é utilizado para separar palavras compostas, quando sua estrutura é difícil de ser analisada. Compare os exemplos *Standarten* (“estandartes”) vs. *Stand-Arten* (“tipos de postura”), *Staubecken*, que pode ser *Stau-Becken* (“piscinão”) ou

Staub-Ecken (“cantos de poeira”), ou então, *Tiefkühlautomatensalat* (“salada do freezer”), que sem hífen poderia facilmente ser analisada como uma espécie de *Tomatensalat* (“salada de tomates”).³

4.1.2. Passagens pelas classes (Mudanças de classe) de palavra

Dentro do léxico, encontram-se palavras de várias classes. A gramática tradicional distinguia dez classes, a saber, substantivo, verbo, adjetivo, advérbio, preposição, conjunção, pronome, artigo, numeral e interjeição. Embora essa classificação seja linguisticamente problemática, faremos uso dela, já que suas desvantagens não dizem respeito às questões da lexicalização.

CASTILHO (cf. 1997: 59) divide as classes de palavras em três categorias, que justapõe em um quadro sinóptico. A seguir, adaptaremos esse quadro, distinguindo entre palavras principais, intermediárias e gramaticais:

Palavras principais	Palavras intermediárias	Palavras gramaticais
função lexical		função gramatical
formas livres		formas presas
autosemânticas		sinsemânticas
categorias maiores	categorias medianas	categorias menores
substantivo	adjetivo e advérbio	preposição, conjunção, etc.
verbos plenos	verbos funcionais e modais	verbos auxiliares

3 Os exemplos são de Eike Christian HIRSCH (*Deutsch für Besserwisser*).

O quadro poderia ser inserido na Fig. 1 na página 280, no lugar do léxico, sendo que a entrada localiza-se à esquerda e a saída, à direita. As palavras principais caracterizam-se por uma maior autonomia pragmática, semântica e gramatical, enquanto as palavras gramaticais dependem fortemente de outras palavras. As palavras intermediárias, por sua vez, encontram-se entre as duas outras categorias, pois não podem ser consideradas igualmente autônomas como as palavras principais, nem tão dependentes quanto as palavras gramaticais.

Um dos processos da formação de palavras, a saber, a conversão, consiste na passagem de elementos de uma classe para outra, sem acréscimo de outros morfemas. Essas passagens ocorrem principalmente na direção da esquerda para a direita, e não no sentido contrário.

A conversão de palavras principais para palavras intermediárias ocorre, entre outros, quando um substantivo se torna adjetivo, como *Schuld* (“culpa”) > *schuld* (“culpado”), *Ernst* (“seriedade”) > *ernst* (“sério”), *Scheiße* (“merda”) > *scheiße* (“de merda”):

(18.a) Es ist deine Schuld, daß wir nichts zu essen im Haus haben.

[É culpa sua que não temos nada para comer em casa.]

(18.b) Du bist schuld, daß wir nichts zu essen im Haus haben.

[Você é culpado por não termos nada para comer em casa.]

(19.a) Was, ich soll so viele Eier essen? Ist das dein Ernst?

(Quê, eu tenho que comer tantos ovos? Isso é sua seriedade?)⁴

[Quê, eu tenho que comer tantos ovos? Isso é sério?]

4 Em alguns casos, acrescentamos uma tradução literal (entre parênteses), a fim de tornar clara a estrutura alemã para o leitor brasileiro. A tradução dada [entre colchetes] é pensada como um equivalente em um português estilisticamente adequado.

- (19.b) Was, ich soll so viele Eier essen? Meinst du das ernst?
[Quê, eu tenho que comer tantos ovos? Você está falando sério?]
- (20.a) Das Fußballspiel Brasilien – Argentinien war eine totale Scheiße.
[O jogo Brasil – Argentina foi uma merda total.]
- (20.b) Das Fußballspiel Brasilien – Argentinien war total scheiße.
(O jogo Brasil – Argentina foi totalmente de merda.)
[Brasil – Argentina foi um joguinho de merda.]

Um outro exemplo é a conversão de verbos plenos para verbos modais. Por verbos modais entendem-se, na gramática do alemão, os verbos *können* (“poder”, “ser capaz de”), *müssen* (“precisar”, “ter que”), *wollen* (“querer”), *dürfen* (“poder”, “ter permissão”), *sollen* (“dever”) e *mögen* (“gostar de”, “querer”), que sintaticamente exigem o infinitivo de um verbo pleno como complemento e semanticamente modificam o sentido desse verbo. Todos os verbos modais do alemão foram derivados de verbos plenos e continuam ocorrendo hoje nessa função:

- (21.a) Xuxa kann gut rechnen. (modal)
[Xuxa sabe calcular bem.]
- (21.b) Ich kann leider kein Spanisch. (pleno)
[Infelizmente, não sei espanhol.]
- (22.a) Wir müssen uns nochmals treffen. (modal)
[Precisamos nos encontrar novamente.]
- (22.b) Entschuldigung, ich muß mal. (pleno)
[Com licença, preciso (ir ao banheiro).]
- (23.a) Alle wollen *Titanic* sehen. (modal)
[Todos querem ver *Titanic*.]
- (23.b) Was willst du eigentlich? (pleno)
[O que é que você quer?]
- (24.a) Darf man hier fotografieren? (modal)
[Pode-se fotografar aqui?]

- (24.b) Mama, darf ich Kuchen? (pleno)
[Mamãe, posso (comer) bolo?]
- (25.a) Du sollst nicht töten. (modal)
[Não deverás matar.]
- (25.b) Wohin soll denn das Klavier? (pleno)
[Aonde deve (ir) o piano?]
- (26.a) Sie mag keine amerikanischen Filme anschauen.
(modal)
[Ela não gosta de ver filmes americanos.]
- (26.b) Magst du einen Kaffee? (pleno)
[Você quer um café?]

Todos esses verbos desenvolveram seus sentidos modernos e o emprego como verbos modais entre os séculos XIII e XVI. No período anterior a esse, eram só verbos principais. Assim, *können* deriva de um verbo *kunnan*, do antigo alto-alemão⁵, que significava “saber”, “entender”. A forma ancestral de *müssen* no mesmo período era *muozan*, com o significado de “ser capaz de”. *Wollen* provém de *wellen*, que no antigo alto-alemão significava “escolher” e também já “querer”. *Dürfen* deriva de *durfan*, que significava “precisar”, “ter necessidade” e sobrevive na forma moderna *bedürfen* (“necessitar”). *Sollen* era *solan*, já com o sentido de “dever” (“dever dinheiro ou um serviço”), e *mögen* provém de *mugan*, no sentido de “ser capaz de”, sentido que está sobrevivendo no verbo contemporâneo *vermögen* (“ser capaz de”).

Existem também casos, em que palavras principais transitam diretamente para a categoria das palavras gramaticais, como o substantivo *Dank* (“agradecimento”), que deu origem à preposição *dank* (“graças a”):

5 Chamam-se *antigo alto-alemão* o alemão dos séculos VIII a XI, *médio alto-alemão* o dos séculos XI a XIV e *novo alto-alemão* o desde o século XVII. A época dos séculos XV e XVI é uma época de transição, cuja língua se chama *novo alto-alemão inicial* (“*Frühneuhochdeutsch*”).

(27.a) Jetzt habe ich dir so viel geholfen, und was ist mein Dank?

[Ajudei tanto a você, e qual é minha recompensa?]

(27.b) Dank deiner Hilfe bin ich heute reich.

[Graças à sua ajuda, sou rico hoje.]

A conjunção *weil* (“porque”) também provém de um substantivo, a saber, *die Weil(e)* (“um período de tempo”). No antigo alto-alemão, usava-se a expressão *dia wīla sō* (“no tempo em que”, no sentido de “enquanto”), sendo *dia wīla* acusativo do substantivo *wīla*, com sentido temporal, e *sō* um complementador que iniciou uma frase temporal subordinada. No médio alto-alemão, omitiu-se o complementador *sō*, de modo que sobrou *die wīle*, expressão que passou a ser interpretada como conjunção temporal (no sentido de “quando”). Através de um tipo de reinterpretação bastante comum em todas as línguas, que transforma conceitos temporais em conceitos causais, *die wīle*, que havia se tornado *die weil*, assumiu, no século XV, o sentido de “como” e “porque”. Mais tarde, já no novo alto-alemão, escreveu-se *dieweil* junto, omitiu-se finalmente o ex-artigo *die* e chegou-se, no século XVIII, à forma moderna *weil*, que funciona exclusivamente como conjunção causal.

A passagem de palavras intermediárias para palavras gramaticais pode ser ilustrada por advérbios que se transformam em preposições. Esse é o caso do advérbio *bī*, do antigo alto-alemão, que significava “perto”, e deu origem à preposição *bei* (“perto de”). O advérbio *bī* começou a desaparecer já no antigo alto-alemão e sobrevive apenas em formas compostas como *herbei* (“para cá”), *nahebei* (“nas proximidades”), *nebenbei* (“paralelamente”) etc.

Um outro exemplo é *hinter*, que ainda hoje existe como advérbio nos dialetos do sul dos países de língua alemã: *Ich geh hinter* (“eu ando para trás”). Essa forma deriva do antigo alto-alemão *hintar* que, por sua vez, vem de um comparativo da raiz proto-germânica **hin(d)-*,

provavelmente um adjetivo. A forma do médio alto-alemão *hinder*, ainda advérbio, também já era empregada paralelamente como preposição. Posteriormente, no novo alto-alemão padrão, seu uso como advérbio foi abolido.

Existe também o trânsito de advérbios para conjunções. Assim a conjunção *wenn* (“quando”, “se”) deriva de *wann* (“quando”). *Wann/wenn* era no médio alto-alemão *wanne/wenne* e no antigo alto-alemão, *hwannel/hwenne*. Ambos funcionavam principalmente como advérbios, sendo às vezes também utilizados como conjunções. A diferenciação entre o advérbio *wann* e a conjunção *wenn* é do século XIX.

4.2. Deslexicalização

A passagem da conversão para a deslexicalização (de palavras gramaticais para morfemas presos) pode ser exemplificada pelos prefixos verbais separáveis, como *ab-*, *auf-*, *aus-*, *durch-*, *ein-*, *hin-*, *her-*, *über-*, *unter-*, *weg-* etc. Como se sabe, esses prefixos são separáveis quando recebem acento tônico. Todos eles ocorrem também sozinhos, na função de advérbios e/ou preposições. Se olharmos, a título de comparação, os prefixos verbais não-separáveis, como *be-*, *er-*, *ent-*, *ge-*, *ver-*, *zer-* etc., que não podem mais receber acento tônico, verificaremos que muitos deles também provêm de advérbios e preposições. Tomemos como exemplo o prefixo *ver-*, que vem de uma raiz nominal indo-européia **per-* (com o sentido de “passagem além”). Essa raiz deu origem a advérbios (p.ex., sânscrito *pári* – “em derredor” e grego antigo *pró* – “em frente”, “à frente”), preposições (p. ex., grego antigo *perí* – “ao redor de”, *pará* – “ao lado de”; latim *prō* – “para”, “em vez de”; gótico *fra* – “fora”), e prefixos (p.ex., latim *prō-* e *per-*). Outro exemplo é o prefixo *ent-*, que está ligado à preposição gótica *and* (“ao longo de”), à preposição

grega *antí* (“em vista de”, “frente a”) e ao advérbio latino *ante* (“à frente”). Todos esses elementos derivam finalmente de uma raiz nominal indo-européia **ant-* (“lado frontal”; cf. o substantivo *Antlitz* – “rosto”). A comparação entre os dois tipos de prefixos sugere que também os prefixos hoje ainda separáveis estão a caminho de perder, no futuro, o acento tônico, a liberdade sintática e a analisabilidade semântica.

O processo de deslexicalização pode ser observado também em palavras principais que, às vezes, se tornam opacas sem terem passado por uma classe intermediária ou gramatical. Esse é o caso dos assim chamados morfemas únicos como *Him-* em *Himbeere* (“framboesa”), que provém do médio alto-alemão *hintber* e do antigo alto-alemão *hintperi* (cf. inglês arcaico *hindberrie*). O componente *hint-* dessas composições corresponde ao médio alto-alemão *hinde*, no antigo alto-alemão *hinte* (cf. inglês *hind*), que significava “cerva”. *Himbeere* seria então “*Hirsch(kuh)beere*” (“frutinha da cervo”). Podemos citar também *Brom-* em *Brombeere* (“amora silvestre”), do médio alto-alemão *brāmbber*, antigo alto-alemão *brāmbberī*. O componente *brām-*, procedente do médio alto-alemão *brāme*, antigo alto-alemão *brāma*, significava “arbusto espinhoso”. Um terceiro exemplo é o elemento *Schorn-* em *Schornstein* (“chaminé”), que vem do médio alto-alemão *schornstein* e do antigo alto-alemão *scor(en)stein*. *Schorn-* e *scor(en)-* correspondem ao médio alto-alemão *schore* (cf. neerlandês *schoor*, inglês *shore*) e significam “escora”, palavra essa que tem a mesma raiz de *Schorn-* e significa “peça para amparar e sustentar” (uma pedra que sustentava a chaminé acima da lareira). Primeiramente, a palavra *Schornstein* referia-se apenas a essa peça, e a partir daí foi metonimicamente generalizada para a chaminé toda.

Em algumas palavras, a composição tornou-se totalmente irreconhecível, por exemplo em *Adler*, do médio alto-alemão *adel-ar*, em que *adel* significa “nobre” e *ar*, “ave de rapina”. O mesmo

ocorre com *heute* (“hoje”), cujo antecessor no médio alto-alemão *hiute* provém do antigo alto-alemão *hiutu*, uma contração de *hiu tagu* (“este dia”). Assim também, o antigo alto-alemão *hiu jāru* resultou em *heuer* (“neste ano”).

Os mesmos processos de redução formal e de perda da analisabilidade observam-se também com relação aos sufixos. São conhecidos os exemplos *-heit*, *-tum* e *-schaft*, que eram ainda no médio alto-alemão substantivos independentes. *Heit* (cf. *Freiheit* – “liberdade”, *Gottheit* – “divindade”) significava “pessoa”, “classe ou nível social”, “caráter”. A variante *-keit* apareceu por assimilação fonológica em composições com adjetivos que terminavam em *-ec* (o atual *-ig*), como *ēwec-heit*, que se tornou *ēwecheit* e finalmente *Ewigkeit* (“eternidade”). *Tum* (cf. *Königtum* – “realeza”, *Eigentum* – “propriedade”) significava “poder”, “dignidade”, “posse”, “julgamento”, e *schaft* (cf. *Freundschaft* – “amizade”, *Botschaft* – “mensagem”, *Eigenschaft* – “qualidade”) significava “criatura”, “molde”, “qualidade”, “estado”, “comportamento”. Na verdade, os três elementos eram as bases (*Grundwörter*) das composições e até hoje determinam o gênero (*-heit* e *-schaft* feminino, *-tum* neutro). Como palavras independentes, desapareceram somente no novo alto-alemão inicial, no século XVI.

O sufixo mais deslexicalizado do alemão contemporâneo, que está se aproximando do apagamento, é *-er*, pronunciado como /ɐ/. Esse elemento, que ocorre, por exemplo, em *Bäcker* (“padeiro”), *Müller* (“moleiro”), *Lehrer* (“professor”) etc., provém, através do antigo alto-alemão *-āri*, do latim *-ārius* (port. *-eiro*, *-ário*) que, por sua vez, vem do itálico **-āsyos*.⁶ Com base nos textos antigos, que foram preservados até hoje, infelizmente não é mais comprovável se **-āsyos* (ou uma forma ainda mais antiga) ocorreu também como substantivo independente. Embora isso seja provável (se a teoria da

6 Agradecemos ao nosso colega Mário Eduardo Viaro a ajuda com essa etimologia.

gramaticalização não estiver errada), as pesquisas da lingüística histórica encontram aqui seus limites.

5. Considerações finais

Um fenômeno que envolve a perda da substância fonética, mas não toca às qualidades sintáticas, semânticas e pragmáticas, é o emprego de abreviações, bastante comum nos dias de hoje. Podemos pensar em *Bus* para *Omnibus* (“ônibus”), *Auto* para *Automobil* (“automóvel”), *Kino* para *Kinematograph* (“cinematógrafo”), *Taxi* para *Taxameter* (“taxímetro”), *Uni* para *Universität* (“universidade”).

O uso generalizado de abreviações, particularmente no setor administrativo, mas também no jargão da computação, que penetra cada vez mais na linguagem cotidiana, pode levar a um prejuízo do entendimento, bem como do aspecto estético da língua. Exemplos são: *ÖPNV* (*öffentlicher Personen-Nahverkehr* – “transporte público”), *AIP* (*Arzt im Praktikum* – “médico residente”) *Azubi* (*Auszubildender* – “aprendiz”, “estagiário”), *DaF* (*Deutsch als Fremdsprache* – “alemão como língua estrangeira”), *EDV* (*elektronische Datenverarbeitung* – “processamento eletrônico de dados”), *PC* (*Personalcomputer* – “microcomputador”) etc.

Pode-se observar que a comunidade lingüística muitas vezes critica o emprego exagerado de tais abreviações, quando se percebe que ele ocorre em função de modismos. Em alemão, criou-se a palavra irônica *Aküfi* (*Abkürzungsfimmel* – “mania de usar abreviações”), justamente para expressar tal crítica. Uma abreviação meramente formal não pode ser considerada um caso de gramaticalização, na medida em que não for acompanhada pela perda de liberdade sintática, concretude semântica e versatilidade de uso pragmático. Nesses casos, a comunidade tende a preservar as formas não-abreviadas.

Quando, no entanto, a abreviação traz consigo um efeito de sentido, esse justifica seu emprego, como em *Stagflation* para *Stagnation* (“estagnação”) e *Inflation* (“inflação”), *Kurlaub* para *Kur* (“spa”) e *Urlaub* (“férias”), *jein* para *ja* (“sim”) e *nein* (“não”), *Ostalgie* para *Osten* (“leste (socialista)”) e *Nostalgie* (“nostalgia”) ou *Tramödie* para *Tragödie* (“tragédia”) e *Komödie* (“comédia”). Nesses casos, as abreviações são consideradas legítimas.

Voltando ao conceito de partida deste trabalho, esperamos ter esclarecido em que medida se pode falar do declínio da língua. O processo de gramaticalização, que dividimos nos subprocessos de lexicalização e deslexicalização, provê uma precisão científica para as percepções que qualquer indivíduo pode ter no cotidiano da sua língua. A erosão lingüística existe mesmo e faz com que os nossos idiomas se transformem continuamente. Mas isso não implica que precisemos ficar preocupados. Nem a língua alemã nem a portuguesa estão em perigo, e sim, apenas em constante mudança. Esperamos ter mostrado através da análise histórica que a mudança, e conseqüentemente a erosão, é a principal fonte de renovação na língua, de modo que o aparente declínio não é nada mais e nada menos do que o surgimento do novo.

Referências bibliográficas

- CASTILHO, Ataliba T. de. “A gramaticalização”. In: *Estudos Lingüísticos e Literários* 19, Salvador, UFBA, 25-63, 1997.
- DIEWALD, Gabriele. *Grammatikalisierung. Eine Einführung in Sein und Werden grammatischer Formen*. Tübingen, Niemeyer (= Germanistische Arbeitshefte 36), 1997.
- DUDEN. *Grammatik der deutschen Gegenwartssprache*. 5ª. ed., Mannheim, Dudenverlag, 1995.

- FLEISCHER, Wolfgang & Irmhilm BARZ. *Wortbildung der deutschen Gegenwartssprache*. Tübingen, Niemeyer, 1992.
- GIVÓN, Talmy. "Historical Syntax and Synchronic Morphology: An Archaeologist's Field Trip". In: *Papers from the Seventh Regional Meeting*. Chicago, Ill., Chicago Linguistic Society, 394-415, 1971.
- HIRSCH, Eike Christian. *Deutsch für Besserwisser*. München, Deutscher Taschenbuch Verlag (= dtv 10952), 1988.
- LEHMANN, Christian. *Thoughts on grammaticalization. A programmatic sketch*. Köln, Arbeiten des Kölner Universalien-Projekts 1 (mimeo), 1982.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo, Sebastião Josué VOTRE & Maria Maura CEZARIO (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil. Uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996.
- PAUL, Hermann. *Prinzipien der Sprachgeschichte*. 8ª. ed., Tübingen, Niemeyer, 1920.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. 18ª. ed., São Paulo, Cultrix, 1916/1995.
- SPITZER, Leo. *Stilstudien. Zweiter Teil: Stilsprachen*. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1928/1961.

Dicionários utilizados

- BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, Aurélio. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2ª. ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- Dicionários Editora. *Dicionário de Português-Alemão*. Porto, Porto Editora, 1983.
- Dicionários Editora. *Dicionário de Alemão-Português* (elaborado por Udo Schau). Porto, Porto Editora, 1985.

- Dicionários Editora. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 7ª. ed., Porto, Porto Editora, 1994.
- DUDEN. *Etymologie. Herkunftswörterbuch der deutschen Sprache*. 2ª. ed., Mannheim, Dudenverlag, 1989.
- KLUGE, Friedrich. *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*. 21ª. ed., Berlin, de Gruyter, 1975.
- Langenscheidts *Großwörterbuch Lateinisch*. Teil 1: MENGE, Hermann. *Lateinisch-Deutsch*. 22ª. ed., Berlin, Langenscheidt, 1984. Teil 2: GÜTHLING, Otto. *Deutsch-Lateinisch*. 14ª. ed., Berlin, Langenscheidt, 1985.
- Langenscheidts *Taschenwörterbuch Altgriechisch*. Erster Teil: MENGE, Hermann. *Altgriechisch-Deutsch* (Neubearbeitung: Karl-Heinz Schäfer und Bernhard Zimmermann). 1ª. ed., Berlin, Langenscheidt, 1986. Zweiter Teil: GÜTHLING, Otto. *Deutsch-Altgriechisch*. 34ª. ed., Berlin, Langenscheidt, 1987.
- PAUL, Hermann. *Deutsches Wörterbuch*. 9ª. ed. (Neubearbeitung: Helmut Henne und Georg Objartel). Tübingen, Niemeyer, 1992.
- PFEIFER, Wolfgang et al. *Etymologisches Wörterbuch des Deutschen*. 3 vols., Berlin, Akademie-Verlag, 1989.